

**Universidade de Évora**  
**Universidade de Verão**  
**10 de Setembro de 2011**

## **Portugal e Brasil – dois países, quantas línguas?**

---

### **CrITÉrios para a definição de entidades linguísticas no espaço lusófono**

*Fernanda Gonçalves*  
Universidade de Évora  
CEL (UÉ e UTAD) ~ Onset-CEL (FLUL) (col.)

[frg@uevora.pt](mailto:frg@uevora.pt)

# Critérios para a definição de entidades linguísticas

---

- **Critérios de natureza sócio-política *versus* critérios de natureza linguística**
- **Definição de “língua” e de “língua oficial”**
- **Que papel têm tido os linguistas e qual deveriam ter?**

**Castro (2010:66)**

**Pode, em resumo, afirmar-se que os linguistas portugueses, pelo menos nos seus sectores mais respeitáveis, pouco ligam a movimentos conjuntivos no espaço lusofalante.**

# O espaço da lusofonia: forças conjuntivas e disjuntivas

---

**Castro (2010:65-66):**

**O espaço lusofalante é percorrido por movimentos que aspiram a conservar ou a reforçar a unidade linguística e cultural, mas a que se opõem movimentos de separação, uns e outros produzindo afloramentos que não são fenómenos isolados, mas antes significativas manifestações daquelas pulsões conjuntiva e disjuntiva, que nenhuma política linguística formulada com conhecimento da realidade se permitirá ignorar.**

São manifestações óbvias da pulsão conjuntiva as tentativas de arranque de uma organização comunitária dos estados que têm o português como língua oficial, a CPLP; a ironicamente designada «refundação» de um Instituto Internacional da Língua Portuguesa que, na verdade, nunca passou do papel; a entrada em vigor do acordo ortográfico de 1990, cuja falta não se fizera sentir durante duas décadas; e, atravessando tudo isto como se fosse uma teoria, o confuso ideário que dá pelo nome de Lusofonia.

# O caso do Acordo Ortográfico

---

- **Os linguistas não se podem alhear das reacções sociais ao seu trabalho; o Acordo foi por muitos sentido como uma “cedência” às normas da variedade brasileira.**
- **Os linguistas podem e devem alertar para as consequências da intolerância perante a variação intralinguística.**
- **Se a tendência disjuntiva (nos vários espaços de utilização do Português) for levada ao extremo, continuará a fazer sentido falar de Lusofonia?**

# Que sentido dar ao espaço da Lusofonia? - Alguns alertas (1)

---

**Castro (2010:68-69), citando Faraco (2009):**

**«Na ótica diplomática brasileira – diz –, a CPLP representa basicamente uma opção estratégica para articular, com base na língua comum, uma cooperação Sul-Sul (Brasil–Países africanos de língua oficial portuguesa–Timor) com a vantagem de ter um pé na União Europeia (Portugal)».**

**Compreende-se o incómodo que pode causar, neste quadro, o nosso país aspirar a papel mais elevado que aquele que tão anatomicamente lhe é atribuído.**

**Mas é esse papel mais elevado, por acções bilaterais, que Portugal efectivamente tem desempenhado e deve continuar a desempenhar.**

# Que sentido dar ao espaço da Lusofonia? - Alguns alertas (2)

---

**A relevância da assunção da variação intralinguística**

**Costa (2008):**

**É impensável continuar a impor uma norma única (ortográfica ou sintáctica) – a portuguesa – em todo o espaço lusófono, ou arriscamo-nos a ver o “brasileiro” decretado como língua oficial.**

# Que sentido dar ao espaço da Lusofonia? - Alguns alertas (3)

---

**Mateus (2010:75):**

**A política linguística deve ainda suscitar a aceitação da variação que exibem todas as línguas, variação que se aceita como diversidade mas não como prova de inferioridade ou superioridade. O reconhecimento desta diversidade contribui para criar nos indivíduos um espírito de cidadania tolerante. Estamos portanto, também aqui, a considerar a política linguística no que respeita à língua materna, visto que o conceito de variação se aplica tanto às variedades geográficas como sócio-culturais ou de registo de discurso.**

# Que sentido dar ao espaço da Lusofonia? - Alguns alertas (4)

---

**Isabel Hub Faria insurge-se contra o uso da expressão “países de expressão portuguesa”, afirmando (Faria, 2008:52):**

**“Será que os políticos e os meios de comunicação não percebem que todos os países que têm o português como língua oficial não têm expressão portuguesa, antes constroem a sua própria expressão através da língua portuguesa?”**

**(Faria, 2008:53):**

**“Sem a aceitação da variação existente, teremos a médio prazo um “Português virtualmente globalizado” ou um “Português virtualmente global”, sem culturas, sem identidades, sem história, sem graça”.**



# Que sentido dar ao espaço da Lusofonia? - O papel dos linguistas

---

- Participar na elaboração das políticas bilaterais de língua
- Alertar para a relevância da variação intralinguística
- O papel fundamental: proceder à descrição das variedades do Português, com a consciência de que as sociedades se apropriarão desse conhecimento com objetivos próprios, que favorecerão a convergência ou a divergência
- Quando acaba a variação intralinguística e começa uma nova língua?
- O critério da intercomunicação
- Outros critérios: Ex.: a Hipótese da Concordância Rica
- O sistema de Princípios e Parâmetros.
- o parâmetro do sujeito nulo

# A defesa de uma “nova língua” no Brasil

---

- **Autor fundamental: Fernando Tarallo; muitos outros autores, desde a década de 1980 à actualidade: Eugênia Duarte, Mary Kato**
- **Síntese em Silva (1995: 76):**
- **A “nova gramática” emerge, segundo ele, na virada do século XIX para o XX, conforme mostraram os dados analisados, e indica que o português brasileiro, ou apenas, brasileiro, não pode ser mais definido como uma “língua pro-drop” ou de “sujeito nulo”; a ele se aplicam preferencialmente regras de apagamento e não de movimento; e sua ordem sintática se define como a ordem das línguas de tipo SVO estrito. Características que, segundo a teoria paramétrica, apontam para o fato de a sintaxe do PB**

# As características fundamentais da “nova língua”

---

- **Autor fundamental: Fernando Tarallo.**
- **Muitos outros autores, desde a década de 1980 à actualidade: Eugênia Duarte, Mary Kato, Charlotte Galves – veja-se, entre muitos outros, Roberts e Kato (1993) e Kato e Negrão (2000).**
- **Síntese em Silva (1995: 76):**
  - **A “nova gramática” emerge, segundo ele, na virada do século XIX para o XX, conforme mostraram os dados analisados, e indica que o português brasileiro, ou apenas, brasileiro, não pode ser mais definido como uma “língua pro-drop” ou de “sujeito nulo”; a ele se aplicam preferencialmente regras de apagamento e não de movimento; e sua ordem sintática se define como a ordem das línguas de tipo SVO estrito. Características que, segundo a teoria**

# As características fundamentais da “nova língua” (2)

---

**- Síntese de Tarallo (1993:70) em Lucchesi e Lobo (1996:305):**

**(i) a implementação de objetos nulos e o aumento da frequência de sujeitos lexicais, resultante de uma reorganização do sistema pronominal;**

**- O João disse que ele levou o jornal. A Maria disse que não levou.**

**(ii) a mudança nas estratégias de construção de orações relativas;**

**Silva (1995:72-73):**

**- Ganhei um sabonete do qual/de que não gostei (relativa padrão);**

**- Ganhei um sabonete que não gostei dele (relativa não padrão com pronome lembrete);**

**- Ganhei um sabonete 0 que não gostei (relativa não padrão cortadora)**

**- Lucchesi e Lobo (1996:310): “a variante cortadora tende a**

# As características fundamentais da “nova língua” (3)

---

- (cont.):

**(iii) a mudança nos padrões sentenciais básicos, com enrijecimento da ordem SVO; (iv) a mudança, nas perguntas diretas e indiretas, de um padrão sentencial VS para um padrão SV.**

**– cai a ordem VS em declarativas – metade, do século XVIII para a actualidade (Berlinck (1989), apud Lucchesi e Lobo (1996:310), de 42% para 21%:**

**- Naquele momento, encontrou o João a solução para todos os seus problemas**

**- Também nas interrogativas: ordem SV com mais de 90% no PB contemporâneo (igual ao Português do século XVI), mesmo nas QU, sem nenhum movimento, ou com “que” (a par com “ó que”).**

# De onde emergiu a “nova língua”

---

**- Proposta atractiva porque tudo teria derivado de uma mudança ao nível morfosintáctico: o “rearranjo” nos sistemas flexional e pronominal e respectivas consequências ao nível da concordância, conduzindo à perda do sujeito nulo.**

**- Coexistem três sistemas no PB; Lucchesi e Lobo (1996:306):**

**(i) eu amo; você/ele ama; nós amamos; vocês/eles amam – 4 formas distintas.**

**(ii) eu amo; você/ele/a gente ama; vocês/eles amam – 3 formas distintas.**

**(iii) eu amo; você/ele/a gente/ vocês/eles amam – 2 formas distintas.**

**(i) corresponde à língua escrita e à fala das gerações mais velhas ou das mais novas, em contexto formal; (ii) à fala das gerações mais jovens e à das mais velhas, em contexto informal; e (iii) é observado entre falantes analfabetos ou entre pessoas com baixo nível de escolarização.**

# A diversidade interna da “nova língua”: variação ou mudança?

---

**- A propósito da concordância nominal, também com grande variação no PB (com uma única forma por sintagma nominal nas produções mais inovadoras), afirma-se, citando Naro e Scherre (1991) (Silva, 1995: 65): “ (...) a questão da perda da concordância não é tão simplificável, mas que, em um mesmo grupo social, variáveis externas como “orientação social”, mercado de trabalho e escolaridade interferem na aquisição da regra. Concluem então que convivem, em uma mesma comunidade de fala, aqueles que estão indo na direção de um sistema sem regra de concordância e aqueles que estão adquirindo a regra, o que resulta em um padrão de variação estável, no sentido laboviano, e não no sentido de mudança com a perda da regra”**

*Os menino alto vai passear*

# A relevância dos dados da aquisição da linguagem

---

- Se houver mudança linguística, estará reflectida nos dados da aquisição da linguagem.
- Qualquer teoria proposta para o “estado final” deve ser compatível com o que se observa nos dados da aquisição.
- Fase crucial: o período em que se adquirem as regras básicas de funcionamento de uma língua, sensivelmente entre os dois e os três anos de idade.
- Alguns estudos pareciam comprovar a perda da propriedade do sujeito nulo; comparação com o PE era



# Um estudo comparado sobre a aquisição do PE e do PB

---

## **Dissertação de Doutoramento:**

Riqueza Morfológica e Aquisição da Sintaxe em Português Europeu e Brasileiro; Universidade de Évora

**- Laboratório de Psicolinguística da Universidade de Lisboa;  
Prof<sup>a</sup> Isabel Hub Faria**

**- Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Unicamp; Prof<sup>a</sup> Charlotte Galves CHILDES (MacWhinney (2000)).**

<http://childes.psy.cmu.edu/>

# Os dados (1)

---

- PE: quatro crianças.
  - **Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.**
    - Profs. Maria João Freitas (RAP e LUI) e António Quintas Mendes (JOA e PED).
    - Prof<sup>a</sup> Isabel Hub Faria.
- PB: três crianças.
  - **Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem-Unicamp e Base de dados CHILDES.**
    - Prof<sup>as</sup>. Ester Scarpa (RAB e TIA) e Leonor Scliar-Cabral (PAU).
    - Prof<sup>a</sup> Charlotte Galves.

# Os dados (2)

---

- **Idades: entre 1;08.21 e 3;01.15.**
- **60 sessões com intervalos mensais.**
- **Observação espontânea, naturalista, longitudinal.**
- **Interacção com pais ou adultos que lhes eram familiares.**
- **Em casa ou ambiente igualmente familiar.**
- **Tarefas de brincadeira, alimentação ou higiene.**
- **Sistema de transcrição, codificação e análise dos dados:**  
**CHILDES: MacWhinney (2000).**
  - Cf. <http://childes.psy.cmu.edu/>.

## Os dados – (3)

	Nº total de linhas dos ficheiros	Nº de enunciados da criança	Nº de formas verbais
LUI	25639	6366	3723
RAP	18201	4908	2769
JOA	9829	2680	1790
PED	6854	2210	1932
PAU	22054	5348	2537
RAB	9285	2425	2065
TIA	5096	1261	507
<b>Totais</b>	<b>96958</b>	<b>25198</b>	<b>15323</b>

# Os tópicos estudados (1)

---

- A concordância verbal, por forma a avaliar comparadamente a marcação morfológica respectiva.
  - Hipótese: O PB apresenta um paradigma mais reduzido que o PE por via da perda da marca específica de segunda pessoa do singular e, eventualmente, das marcações associadas à primeira pessoa do plural, sempre em favor da forma de terceira pessoa do singular. PE e PB apresentarão assim processos de aquisição da concordância verbal distintos em alguns aspectos fundamentais, nomeadamente em relação ao traço de [pessoa].
  
- O sujeito, pela tendência que alguns autores atribuem para a perda da possibilidade do sujeito nulo referencial em PB.
  - Hipótese: A redução no paradigma flexional acima referida teve reflexos ao nível da fixação do parâmetro do sujeito nulo, pelo que os dados aqui trabalhados revelarão percentagens significativamente mais elevadas de sujeitos preenchidos em PB do que em PE.

# Os tópicos estudados (2)

---

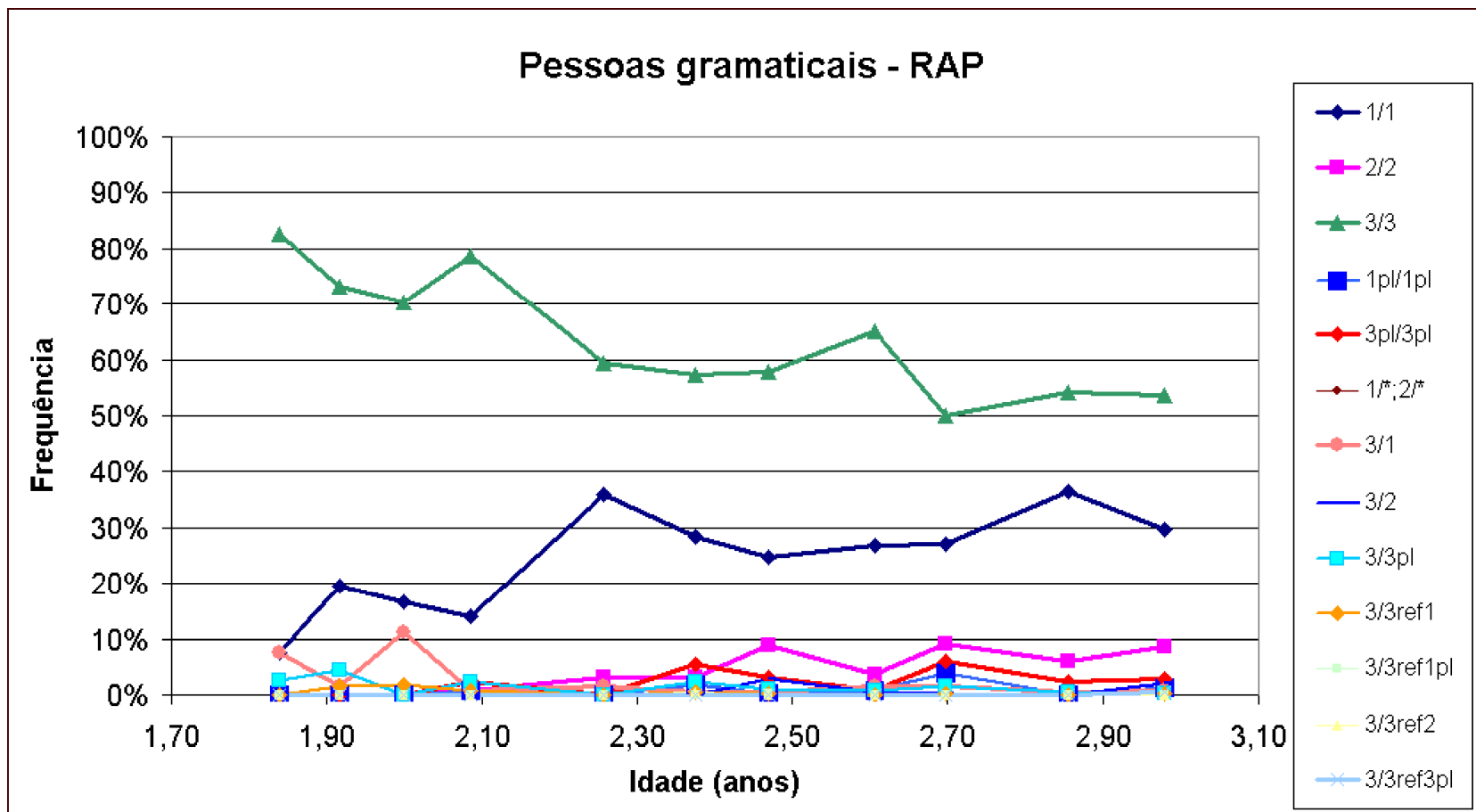
- O objecto, pela tendência assinalada por alguns para se produzirem mais objectos nulos em PB do que em PE.
  - Hipótese: Serão detectados mais objectos nulos em PB do que em PE.
- Os infinitivos, pela associação normalmente estabelecida entre o parâmetro do sujeito nulo e a chamada fase dos infinitivos opcionais, procurando-se fundamentalmente determinar se tal fase existiria em PB.
  - Hipótese: Os infinitivos opcionais serão detectados em PB, mas não em PE.
- Os imperativos, por propostas recentes que associam a sua produção no estágio relevante ao fenómeno dos infinitivos opcionais em línguas como o Português.
  - Hipótese: o número de imperativos deverá ser mais elevado em PB.
- O movimento do verbo, por ser hoje tido como mais restrito em PB.

# Os tópicos estudados (3)

---

- Hipótese global: Relativamente à forma como se relacionam a aquisição dos paradigmas flexionais e a dos aspectos sintáticos fundamentais, esperar-se-á que na fase relevante não se encontrem evidências de consolidação daqueles aspectos sintáticos anteriores às provas de que aqueles aspectos morfológicos estão consolidados.
- Decorrendo da hipótese anterior, a natureza do detonador, para as duas variantes, será morfológica.
- Globalmente, a gramática do PB deverá apresentar características diferenciadoras claras no seguinte sentido: o parâmetro do sujeito nulo passou a ser fixado com o valor [negativo], dando origem a uma gramática fundamentalmente distinta da do PE.

# CV: o caso de RAP





# CV: Os resultados médios do PE

---

	<b>1/1</b>	<b>2/2</b>	<b>3/3</b>	<b>1pl/1pl</b>	<b>3pl/3pl</b>	<b>3/1</b>	<b>3/2</b>	<b>3/3pl</b>	<b>Outros</b>	<b>Total</b>
<b>LUI</b>	<b>10.5%</b>	<b>2.3%</b>	<b>73.5%</b>	<b>1.1%</b>	<b>8.3%</b>	<b>1.0%</b>	<b>0.3%</b>	<b>2.1%</b>	<b>0.9%</b>	<b>100%</b>
<b>RAP</b>	<b>26.6%</b>	<b>5.8%</b>	<b>59.4%</b>	<b>1.1%</b>	<b>2.9%</b>	<b>1.4%</b>	<b>0.9%</b>	<b>1.1%</b>	<b>0.8%</b>	<b>100%</b>
<b>JOA</b>	<b>11.7%</b>	<b>2.8%</b>	<b>71.5%</b>	<b>2.7%</b>	<b>3.4%</b>	<b>3.7%</b>	<b>2.1%</b>	<b>1.3%</b>	<b>0.9%</b>	<b>100%</b>
<b>PED</b>	<b>16.0%</b>	<b>6.9%</b>	<b>63.2%</b>	<b>0.7%</b>	<b>3.7%</b>	<b>6.1%</b>	<b>0.4%</b>	<b>2.7%</b>	<b>0.3%</b>	<b>100%</b>
<b>Total</b>	<b>16.2%</b>	<b>4.5%</b>	<b>66.9%</b>	<b>1.4%</b>	<b>4.6%</b>	<b>3.1%</b>	<b>0.9%</b>	<b>1.8%</b>	<b>0.7%</b>	<b>100%</b>

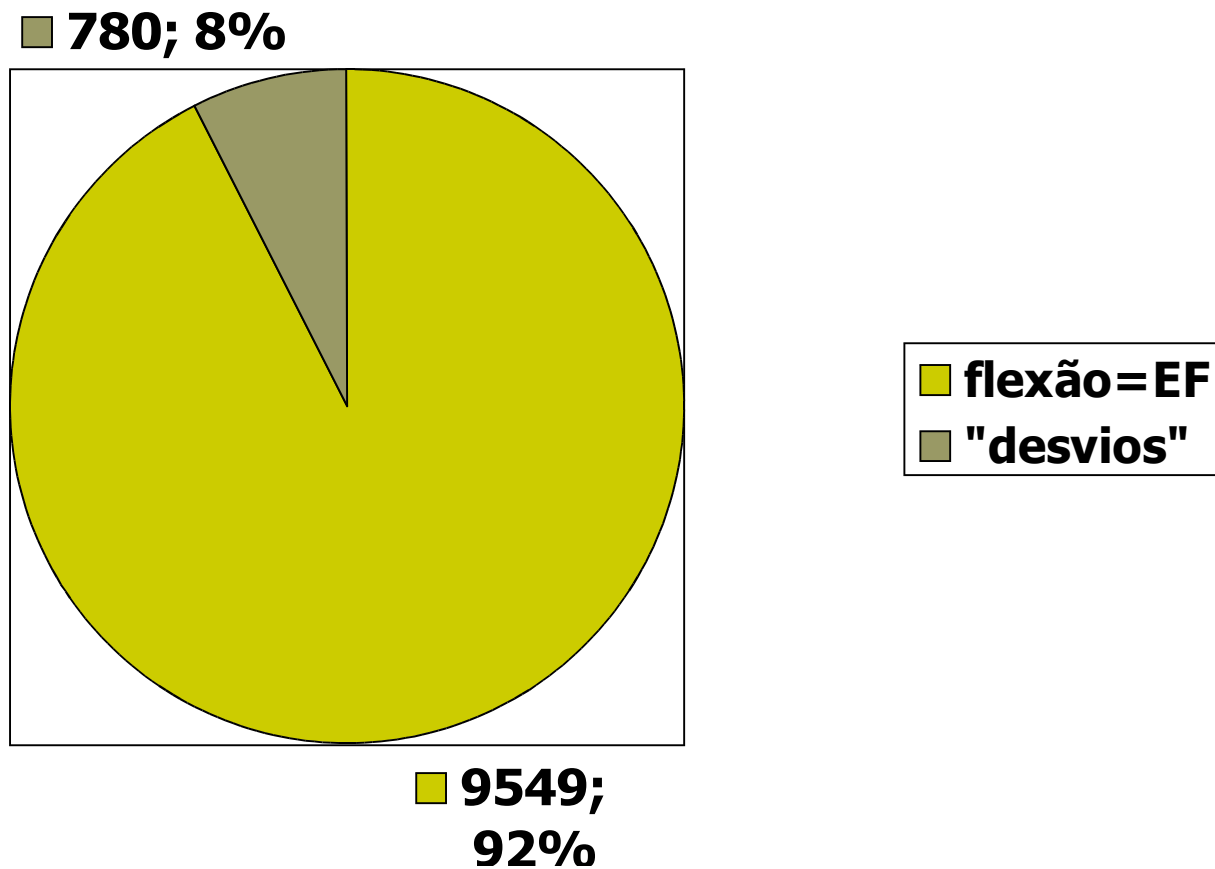
# CV: os resultados médios do PB

---

	1/1	3/3	1pl/1pl	3/1	3/3pl	3/3ref2	Outros	Total
PAU	19.9%	56.0%	1.7%	18.0%	0.1%	3.2%	1.1%	100%
RAB	34.5%	47.3%	5.2%	2.1%	1.1%	9.2%	0.7%	100%
TIA	5.3%	90.1%	0.9%	1.5%	0.3%	0.6%	1.2%	100%
<b>Total</b>	<b>19.9%</b>	<b>64.5%</b>	<b>2.6%</b>	<b>7.2%</b>	<b>0.5%</b>	<b>4.3%</b>	<b>1.0%</b>	<b>100%</b>

# CV: valores globais de formas iguais ao EF e “desviantes”

---



# Aquisição da CV em Português L1:

## Síntese

---

- **Grande predomínio de 3/3, em contextos em que pode ocorrer e em substituição de outras formas; em particular, 3/1 e 3/3pl (cf. igualmente 3/3ref1), com variação interindividual.**
- **Número pouco significativo de formas “desviantes”.**
- **3/3 é forma *default*; processo de subespecificação.**
- **“Atraso” relativo das formas de plural.**
- **Evolução global: 3>1>2, nos paradigmas de singular e de plural; as formas que emergem mais tardiamente são as mais sujeitas à mudança.**
- **Diferenças interindividuais muito claras em vários aspectos.**

# Aquisição da CV em Português L1:

## Síntese

---

- **Grande predomínio de 3/3, em contextos em que pode ocorrer e em substituição de outras formas; em particular, 3/1 e 3/3pl (cf. igualmente 3/3ref1), com variação interindividual.**
- **Número pouco significativo de formas “desviantes”.**
- **3/3 é forma *default*; processo de subespecificação.**
- **“Atraso” relativo das formas de plural.**
- **Evolução global: 3>1>2, nos paradigmas de singular e de plural; as formas que emergem mais tardiamente são as mais sujeitas à mudança.**
- **Diferenças interindividuais muito claras em vários aspectos.**

# Conclusões (1)

---

- - Momento sincrónico de relativa estabilidade em PE e de instabilidade em PB por opções gramaticais distintas para os vários falantes ou por mudança em curso.
- - A situação descrita para o PB não é compatível com as hipóteses teóricas colocadas, as quais decorriam da aplicação do parâmetro do sujeito nulo, assumindo que a sua fixação (ou refixação) é automática.

# Conclusões (2)

---

- - As diferenças entre as variantes estudadas não são tão significativas nem tão claras como esperado, sendo para vários aspectos mais notórias as semelhanças globais e as diferenças interindividuais.
- - O trajecto percorrido está inscrito no próprio sistema, com reflexo na ordem relativa no padrão de privilégio das formas: as que são adquiridas mais tardiamente são as que mais sofrem processos de mudança, o que leva a perceber como PE e PB trilham um mesmo caminho, a este nível.

# Em síntese (1)

---

- Não existe ainda consenso quanto à natureza das diferenças entre PE e PB: variação estável ou mudança?
- Os dados da aquisição revelam mais a variação entre crianças (para o PB) do que a distância entre PE e PB, no sentido esperado, o que é compatível com uma ou outra hipóteses.
- Não se pode ignorar a grande dificuldade de eleger uma norma, no caso do PB.
- Silva (1995:77): (...) esta “língua brasileira” **pode** já ser outra  
“língua”, no sentido de outra “grammar”, o que resta saber é se ideologicamente, se **quer** isso.”



# Em síntese (2)

---

□ Independentemente da classificação das diferentes “entidades linguísticas”, o respeito pela variação deverá permanecer, com consequências muito claras nas sociedades lusófonas, nomeadamente ao nível do sistema de ensino.

- Silva (1995: 63), a propósito da variação no paradigma de flexão:

“Ao professor caberá conhecer esses três sistemas e reconhecer o que é corrente na fala dos seus alunos. O sistema histórico, porque os seus alunos com ele se defrontam nos textos escritos fornecidos para a leitura; os sistemas simplificados, por serem aqueles que são usados no Brasil, devido ao princípio a rigor social de um e de